



Educação. Revista do Centro de Educação

ISSN: 0101-9031

claubell@terra.com.br

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Both, Vanderlei; Pivotto Pavanello, Elizandra; Marques da Rocha, Karla
Expectativas dos alunos de diferentes faixas etárias do Técnico em Agropecuária quanto à Educação
Profissional
Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 38, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013, pp. 675-689
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, RS, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117128364017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Expectativas dos alunos de diferentes faixas etárias do Técnico em Agropecuária quanto à Educação Profissional

Expectations of students of different age groups in Agricultural Technician the Professional Education

Vanderlei Both*
Universidade Federal de Santa Maria

Elizandra Pivotto Pavanello**
Universidade Federal de Santa Maria

Karla Marques da Rocha***
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo Propõe-se, a partir desse estudo investigatório, analisar as expectativas dos alunos ingressantes no Curso Técnico em Agropecuária, com diferentes faixas etárias, quanto à contribuição da educação profissional para sua profissionalização ou continuação dos estudos. Foi aplicado um questionário misto e, para avaliação dos dados, o grupo foi dividido em duas categorias. Ficaram evidentes diferenças nas trajetórias escolares, bem como nas expectativas quanto ao curso. Os alunos mais jovens apresentam uma tendência de realização do curso por não terem ingressado em um curso superior. Já os alunos mais velhos buscam o conhecimento técnico para atuarem profissionalmente ou como complemento à graduação. Assim, os professores e a escola precisam reforçar as possibilidades que o curso oferece, a fim de estimular a sua conclusão, formando profissionais para contribuir com a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetórias escolares, Expectativas, Educação profissional.

Abstract It is proposed from this investigative study to analyze the expectations of entering students of technical course in Agriculture, with different age groups, as the contribution of professional education for its professionalism and continued education. A mixed questionnaire was applied and, to evaluate the data, the group was divided into two categories. Differences in their school history were evidenced, as well as their expectations regarding the course. The younger students have a tendency to be conducting the course because they could not join a college. On the other hand, older students seek in technical knowledge to act professionally or to be a complement of their graduation. Thus, the teachers and the school need to strengthen the possibilities that the course provide, in order to stimulate the course ending, in order to form professionals to contribute to the community.

KEYWORDS: School history, Expectations, Professional education.

Introdução

A educação profissional tem como objetivo central, por meio da criação de cursos voltados para o acesso ao mercado de trabalho, formar profissionais em um espaço de tempo relativamente curto, suprindo assim uma demanda regional no mercado de trabalho. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, um dos objetivos da educação profissional é a criação de cursos voltados para o acesso ao mercado de trabalho, tanto para estudantes quanto para profissionais que buscam ampliar suas qualificações. Além disso, deve atuar como agente de transformação objetivando o desenvolvimento social, político, econômico e ambiental especialmente da localidade e região, na qual está inserida.

O setor agropecuário é um dos que mais emprega e cresce no país, tornando-se fundamental na expansão da economia brasileira. Sendo assim, o Técnico Agropecuário exerce inúmeras atividades, o que os torna potencializadores da articulação com a sociedade, e a forma como essa percebe e avalia as instituições, perpassa pelas ações desses profissionais. Pode-se dizer que o público que procura a Educação Profissional e Tecnológica, em sua maioria, é formado por jovens que buscam uma colocação no mercado de trabalho, ou ainda, por profissionais que buscam ampliar suas qualificações. O que se observa, atualmente, no curso Técnico em Agropecuária do Colégio Politécnico da UFSM, é que há uma grande diferença de idade dos alunos que estão realizando este curso. Desta forma, tem-se uma turma bastante heterogênea quanto à idade, com alunos que saíram do ensino médio, ingressando imediatamente no ensino técnico, sendo denominado por Stefanini (2008) de trajetórias contínuas.¹ O outro grupo que frequenta este curso, com idade mais avançada, foi referenciado pela mesma autora como trajetórias descontínuas, que são aqueles com pelo menos um ano de intervalo entre a conclusão do ensino médio e o ingresso no técnico. Assim, tem-se a necessidade de entender também a trajetória escolar destes estudantes, desde o ensino médio ou fundamental, a fim de buscar explicações sobre os motivos que levaram os alunos com idade acima da faixa etária normalmente observada para egressos do ensino médio, a buscarem o curso técnico. Neste contexto, surge a indagação de quais seriam as expectativas destes dois grupos de alunos que buscam a profissionalização através do ensino técnico. Sabe-se que o Brasil está em expansão na atividade agrícola e que, dentre os países em desenvolvimento, é um dos que possui maior potencial de crescimento. Portanto, neste sentido, seria possível que os alunos com trajetórias descontínuas estariam voltando a estudar para ingressar neste mercado de trabalho que demanda de mão de obra qualificada? Ou não tiveram oportunidade de se preparar adequadamente para o vestibular e por isso entraram no técnico após tentativas frustradas de ingresso no ensino superior? Tiveram que trabalhar durante o ensino médio ou estudar à noite? E os mais jovens possuem os mesmos objetivos ou estariam vislumbrando o ingresso no ensino superior após a conclusão do técnico ou durante este?

Buscando respostas a essas indagações, propõe-se analisar as expectativas dos alunos de diferentes faixas etárias, que ingressaram no Curso Técnico em Agropecuária, quanto à contribuição da educação profissional para

sua profissionalização ou continuação nos estudos. Para tanto, pretende-se analisar a trajetória de vida dos alunos e o motivo pelo qual procuraram ingressar no Curso Técnico em Agropecuária pós-médio, levando em consideração o tipo de escola que frequentaram durante o ensino médio, o turno de estudo, se trabalhavam, a faixa de renda da família, entre outros, a fim de estabelecer uma associação entre a intenção dos alunos de idades heterogêneas e suas expectativas para com a Educação Profissional ou o ingresso em um curso superior. Desta forma, o presente trabalho visa buscar informações, com o objetivo de auxiliar os professores e a escola a estabelecerem estratégias de ensino, em função das expectativas e trajetórias desses grupos de alunos para com o curso.

Trajetórias escolares e o ingresso no ensino profissional

Segundo o MEC (2009), a concepção que pauta os processos educacionais das instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), que é definidora dos seus currículos, tem como foco a formação do jovem, do trabalhador, na perspectiva de que este é um sujeito ativo, ético e contextualizado, capaz de compreender a realidade e superá-la; a fim de contribuir com as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais.

Com o Decreto Federal 2.208/97 ocorre uma reformulação da Educação Profissional, com a separação entre a parte acadêmica e profissional. De acordo com Castro (1997) isto seria uma forma de eliminar a procura pelas escolas técnicas como meras encaminhadoras de seus egressos para o vestibular. Naquele período, o ensino técnico oferecido pelo sistema federal não atingia aos trabalhadores e possuía mais características propedêuticas do que profissionalizantes. Tinha como clientela a classe média que buscava, em seu ensino de qualidade, a preparação para o vestibular (MENDES, 2003). Além disso, com esta separação as escolas técnicas federais poderiam atender um maior número de alunos.

Em 2004, o Decreto nº 5.154 possibilitou a reintegração entre os ensinos médio e técnico. Porém, permitiu a continuidade da oferta separada, de maneira que a maior parte das instituições optou por assim mantê-la. Verificou-se que o contingente de alunos que buscava o ensino técnico após concluir o médio predominava sobre o de alunos que cursavam ambos os ensinos. Esta constatação está de acordo com os dados do Censo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (INEP, 2006) que revelou reduções das matrículas de alunos mais jovens e aumento de matrículas para alunos com mais de 25 anos. O que se observa é o fenômeno do retorno de alunos com maior faixa etária às instituições de ensino de nível médio, geralmente em busca de promoções no cargo ou melhorias profissionais.

Em um levantamento realizado em escolas técnicas do Rio de Janeiro, Mendes (2003) verificou que a maioria dos alunos dos cursos técnicos pós-médios são provenientes de um ensino médio precário, que inviabilizou a continuidade de seus estudos no ensino superior. “Até mesmo a realização de um curso técnico para a maioria deles, só foi possível algum tempo depois de concluído o ensino médio,

após as tentativas frustradas de ingresso em alguma das IES e a busca por emprego no mercado de trabalho" (MENDES, 2003, p. 106). A autora constatou que dos alunos que ingressaram nos cursos técnicos pós-médio de escolas técnicas federais e do Sistema Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) do Rio de Janeiro, 61% o fizeram apenas após três anos ou mais de conclusão do ensino médio.

Em uma análise dos condicionantes, que impulsionam a busca pelo ensino técnico de nível médio, com base nas trajetórias dos familiares e alunos, Stefanini (2008) observou que no caso dos alunos jovens (trajetória contínua) a escolarização técnica foi referida como "opção" mais palpável do que o ensino superior. Isso se deve em função dos capitais culturais e econômicos disponíveis, bem como ao fato de que ingresso no ensino superior seria considerado uma estratégia audaciosa em relação ao ethos de classe.² De acordo com Bourdieu (1998), a construção do ethos familiar e das disposições interiorizadas nos processos de socialização estão relacionadas aos aspectos objetivos e simbólicos da classe social a que pertencem. Já os alunos adultos (trajetórias interrompidas) apresentavam tentativas frustradas de ingresso no ensino superior e procuravam cursos técnicos como meio de promoção no trabalho ou mudanças de emprego. Já não alimentavam expectativas de ingresso no ensino superior.

Em ambos os casos, o curso técnico é apresentado como mais compatível à condição socioeconômica e cultural (os alunos entrevistados foram classificados como pertencentes a uma fração de camada média com escassa herança cultural e econômica e orientada para a ascensão social), sendo a opção mais lógica (STEFANINI, 2008). Para Mendes (2003), os cursos técnicos de nível médio são procurados por aqueles que conseguem concluir o ensino médio, mas não conseguem ingressar em IES públicas. Essa autora ressalta que para maioria dos jovens de baixa renda é praticamente impossível cursar em paralelo o ensino médio e o curso técnico, em função da necessidade de trabalharem. Para a maioria deles o ensino técnico só é viável após o término do ensino médio, mantendo a condição de estudantes trabalhadores. A necessidade de trabalhar, durante o ensino médio, dificulta os jovens de se prepararem para ingressar em IES, permanecendo assim, o ensino técnico pós-médio como um registro das desigualdades que marcam a educação brasileira (MENDES, 2003). Como pondera Zago (2006, p. 232), "para muitos não existe uma real possibilidade de escolha, mas uma orientação para aquilo que representa menores possibilidades de exclusão".

Metodologia

A pesquisa foi realizada com os alunos ingressantes na turma do primeiro semestre de 2012, do curso Técnico em Agropecuária do Colégio Politécnico de Santa Maria, localizado no município de Santa Maria - RS, na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Este estudo teve uma abordagem qualitativa e foi desenvolvido com 55 alunos, com idade entre 17 e 52 anos.

Como instrumento e procedimento metodológico utilizou-se questionário com 13 perguntas mistas, aplicado coletivamente em sala de aula,

buscando avaliar a trajetória escolar dos alunos, bem como as expectativas em relação ao curso, devido às diferenças nas faixas de idade dos mesmos. O questionário foi aplicado no mês de maio de 2012, para os alunos presentes na turma da manhã e tarde, totalizando 55 alunos. Para tanto, foi explicado aos alunos os objetivos e procedimentos da pesquisa, solicitando a colaboração deles para a coleta das informações. Além disso, os alunos foram esclarecidos sobre o aspecto voluntário da participação na pesquisa e da preservação de suas identidades. As questões aplicadas foram idênticas para todos os alunos, no entanto, na fase de análise e interpretação dos dados, foram formadas duas categorias, em função da diferença de faixa etária dos alunos. Foi considerada como a Categoria de Alunos Jovens aqueles de faixa etária de 17 a 20 anos de idade, correspondendo a 31 alunos, enquanto que os de 21 anos ou mais (24 alunos) representaram a Categoria Adulta. Essa última categoria representa aqueles alunos que, pela idade regular, já teriam parado de estudar por mais de três anos, apresentando uma característica de trajetória interrompida dos estudos. Assim, para a análise foi possível obter dois grupos de alunos com idades distintas, sendo suas respostas comparadas quanto às trajetórias escolares e expectativas em relação ao curso.

A análise e interpretação dos resultados foram realizadas de acordo com o proposto por Gil (1999), que diz que a análise permite organizar os dados de forma a fornecer respostas ao problema de investigação, enquanto que pela interpretação é possível estabelecer uma ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos, buscando um sentido mais amplo para as respostas. Dessa forma, as respostas fornecidas pelos pesquisados foram organizadas, agrupadas em categorias e posteriormente codificadas. Nesse processo, as respostas foram transformadas em símbolos para posterior tabulação, que permitiu agrupar os casos dentro de cada categoria de análise.

Resultados, análise e interpretação

Os dados obtidos a partir das respostas dos alunos ao questionário foram apresentados em forma de gráficos, a fim de possibilitar uma melhor visualização dos resultados, para as duas categorias de idade avaliadas. Os dados de gênero dos alunos (Figura 1) indicam que existe um equilíbrio entre alunos do sexo masculino e feminino, para a categoria de alunos jovens. Isso mostra que já não existe mais o preconceito de que os cursos das áreas das ciências rurais, a exemplo do Curso Técnico em agropecuária, sejam exclusivos para alunos do sexo masculino. Por outro lado, para alunos da categoria com mais de 20 anos, os resultados mostram que os alunos do sexo masculino predominam sobre os do sexo feminino, sendo estes apenas a metade do número daqueles. Isso significa que para as mulheres, a possibilidade de voltarem a estudar com uma idade mais avançada, torna-se mais remota. Os motivos para tal comportamento não foram objeto de estudo deste trabalho, no entanto, a partir de observações, percebeu-se que podem ser devido a uma soma de fatores, inclusive do maior tempo dedicado pelas mulheres para o cuidado dos filhos, o que restringe a possibilidade de se afastarem para voltarem a estudar.

Com relação à origem dos alunos que frequentam o Curso Técnico em Agropecuária, também existe um comportamento diferenciado entre os dois grupos (Figura 1). Para os mais jovens, praticamente o dobro dos estudantes provém da zona rural, dando um indício de que, provavelmente, possam ter ingressado no curso em função do convívio que possuem com o meio rural. Já para os alunos com idade mais elevada, os provenientes da zona urbana, representam um número ligeiramente superior.

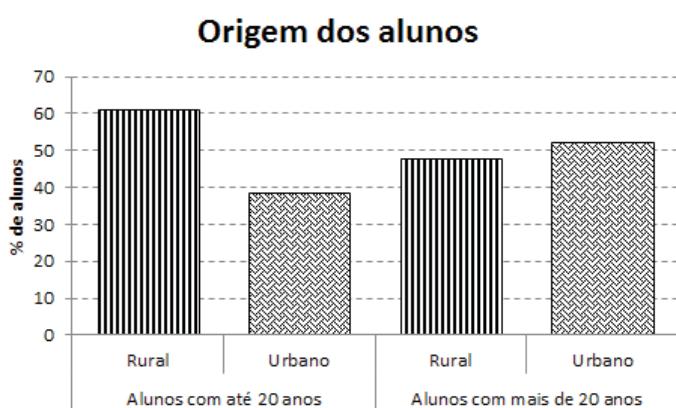
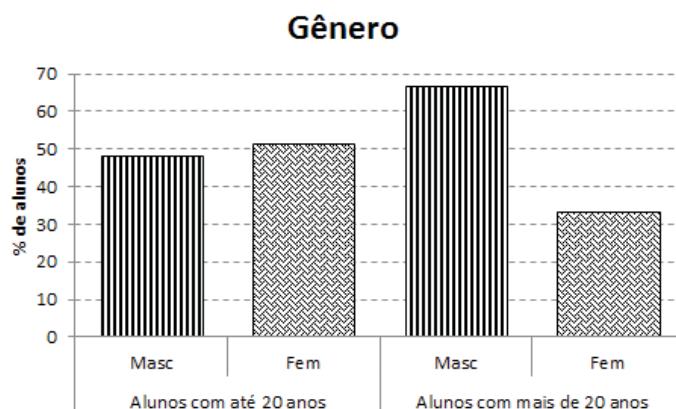


Figura 1 – Distribuição de alunos entrevistados quanto ao gênero e origem, para as duas categorias consideradas.

Quanto ao tipo de escola frequentada durante o ensino médio, pode-se novamente observar um comportamento oposto entre os dois grupos, sendo que 80% dos alunos mais jovens frequentavam a escola pública (Figura 2). Para os alunos com trajetórias escolares interrompidas (mais velhos), pelo contrário, mais de 80% realizaram seu ensino médio em escola particular. Para esse grupo de alunos, também uma pequena porcentagem (8,3%) realizou o ensino médio na Educação de Jovens e Adultos (EJA), indicando que esses podem ter parado de

estudar mesmo antes de terem concluído o ensino médio e voltado a estudar nesta modalidade de ensino, para posteriormente ingressar no curso técnico.

Com relação à localização da escola em que os alunos frequentaram o ensino médio, os resultados foram similares para os dois grupos, com a maioria absoluta frequentando escolas localizadas na zona urbana (Figura 2). Comparando os dois grupos de alunos, aqueles com idade menor foram os que apresentaram uma porcentagem ligeiramente superior de alunos que estudaram em escolas na zona rural, o que pode ser resultado de um maior número de alunos desta categoria provenientes do meio rural. No entanto, mesmo assim, percebe-se que a grande maioria dos alunos que moravam na zona rural, independente da categoria, realizou o ensino médio em escolas localizadas na área urbana, reflexo do fechamento das escolas rurais e da concentração dos alunos em escolas urbanas.

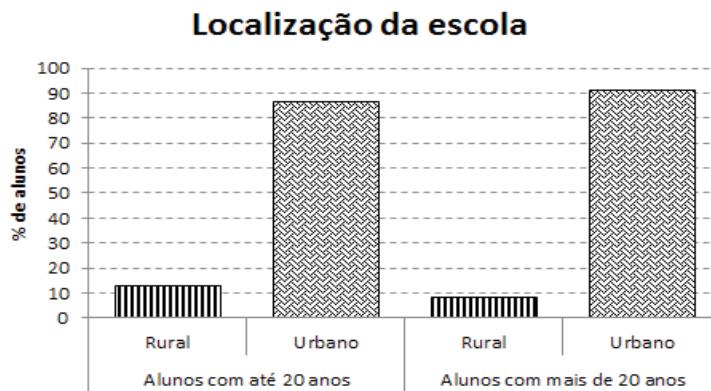
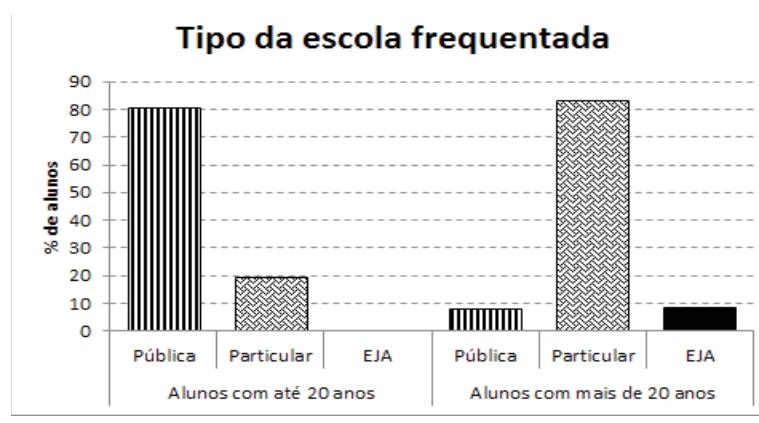


Figura 2 – Tipo de escola frequentada pelos alunos durante o ensino médio e localização das mesmas, para as duas categorias consideradas.

Quanto ao turno de realização do ensino médio, a extrema maioria dos alunos mais jovens frequentava a aula durante o dia (Figura 3). Para aqueles com idade mais avançada, também a maior parte teve aulas de dia, entretanto, 25% desses frequentaram o ensino médio pela noite. Possivelmente, pela necessidade desses estudantes mais velhos terem que trabalhar, também fez com que eles optassem por estudar de noite, uma vez que 2/3 dos alunos deste grupo que faziam o ensino médio no período noturno, também trabalhavam durante o dia.

Para separação dos dois grupos mencionados, ou seja, as duas categorias, utilizou-se como critério a idade, sendo uma delas formada por alunos com até 20 anos de idade e a outra com mais de 20 anos. A primeira representa aqueles alunos com menos de três anos de interrupção entre o ensino médio e o início do técnico, como pode ser observado no gráfico (Figura 3). De acordo com Stefanini (2008), alunos que saíram do ensino médio, ingressando imediatamente no ensino técnico, podem ser denominados de trajetórias contínuas. Percebe-se que, 55% dos alunos da primeira categoria apresentam essa característica, sendo que se contabilizarmos também aqueles que pararam somente um ano, esse percentual sobe para 93,5%. Portanto, no presente trabalho, esse grupo de alunos será considerado como trajetórias contínuas. Na categoria com mais de 20 anos, a pesquisa revelou que existe um número superior a 60% de alunos com mais de três anos de interrupção entre a conclusão do ensino médio e o ingresso no técnico, podendo ser considerado como trajetórias escolares interrompidas. Entretanto, mais de 30% dos alunos, dessa categoria, tiveram uma interrupção nos estudos, correspondendo a de três anos ou menos, o que significa, em função da idade dos mesmos, que houve alguma interrupção dos estudos ou reaprovação durante o ensino médio ou fundamental.

Turno de realização do ensino médio

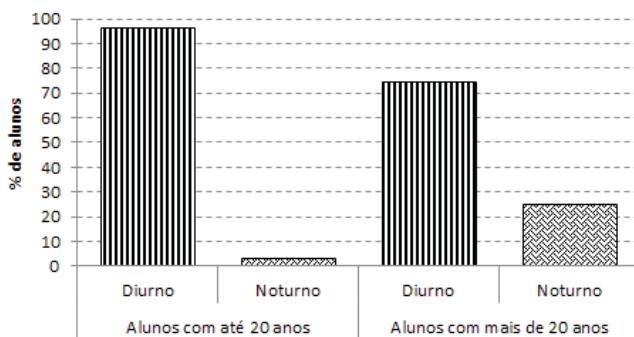


Figura 3 – Turno em que os alunos frequentaram o ensino médio e período, em anos, da conclusão do ensino médio até o ingresso no técnico, para as duas categorias consideradas.

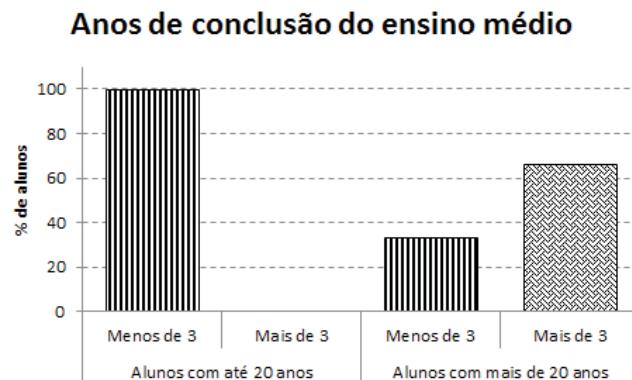


Figura 3 – Turno em que os alunos frequentaram o ensino médio e período, em anos, da conclusão do ensino médio até o ingresso no técnico, para as duas categorias consideradas.

Uma das hipóteses para explicar a opção dos alunos jovens de baixa renda por um curso técnico pós-médio, em vez de fazê-lo em paralelo o ensino médio, seria em função da necessidade de trabalharem (MENDES, 2003). No entanto, isso não foi observado nos entrevistados, uma vez que, para ambas as categorias, mais de 60% dos alunos afirmaram que não trabalhavam durante o ensino médio (Figura 4). Com relação à renda, 54% dos entrevistados afirmaram que a renda da família era maior que três salários mínimos (dados não apresentados).

Dos alunos que responderam que trabalhavam durante o ensino médio, para a categoria dos alunos mais jovens, mais de 60% trabalhavam na agricultura (Figura 4). Isso provavelmente seja em função da origem da maior parte deles ser rural, podendo este fato ter interferido na opção de realizarem este curso. Por outro lado, aproximadamente 90% dos estudantes, com trajetórias interrompidas, que afirmaram trabalhar durante o ensino médio o fizeram em outras atividades que não a agricultura, como o ofício de secretário, porteiro, cabeleireiro, vendedor, entre outros. Esse fato exclui a hipótese levantada por Stefanini (2008), de que os alunos com trajetória interrompidas em seus estudos estariam buscando o curso técnico como forma de promoção no mercado de trabalho.

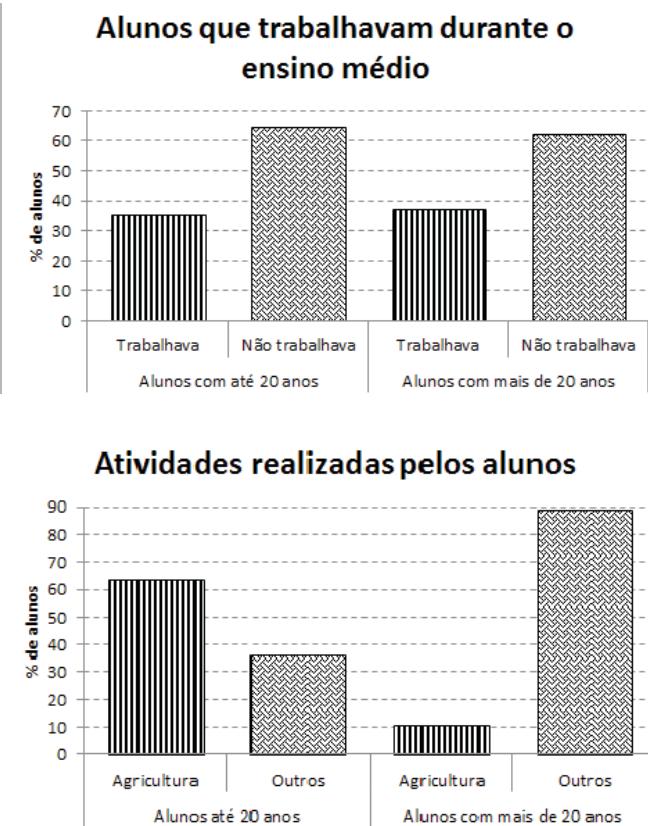


Figura 4 – Porcentagem de alunos que trabalhavam durante o ensino médio e atividades realizadas pelos mesmos, para as duas categorias consideradas.

Quando questionados sobre o que pretendiam fazer após concluir o curso técnico, 61,3% dos alunos mais jovens afirmaram que pretendiam fazer um curso superior. Esta foi uma questão do tipo aberta, em que também se questionava os motivos pelos quais os alunos optaram pelo curso técnico. Dessa forma, as respostas foram divididas em categorias e apresentadas na figura 5. Tanto para aqueles que querem continuar estudando em um curso superior, como para os que querem trabalhar como técnicos, o principal motivo pela escolha foi a curiosidade ou por que gostam ou se identificam com a área. Mas o que chama a atenção na categoria de alunos com trajetórias contínuas é que mais de 20% afirmam que pretendem fazer uma graduação e que optaram pelo técnico porque não conseguiram passar no vestibular. Isso significa que, provavelmente, esses alunos estão realizando o técnico apenas até conseguirem passar no vestibular, pois deixam claro que essa realmente é sua intenção.

Analizando a categoria dos alunos com trajetórias interrompidas, percebe-se que a maioria (56,5%) pretende trabalhar como técnico depois de formados, seja como empregado ou autônomo e que ingressaram no curso porque gostam ou tem curiosidade. Esse resultado está de acordo com Stefanini (2008), que observou que alunos dessa categoria já não alimentavam expectativas de ingresso no ensino superior, em função das tentativas frustradas. Apenas uma pequena minoria afirmou que ingressou no técnico porque não passou no vestibular, entretanto esses ainda pretendem realizar um novo processo seletivo.

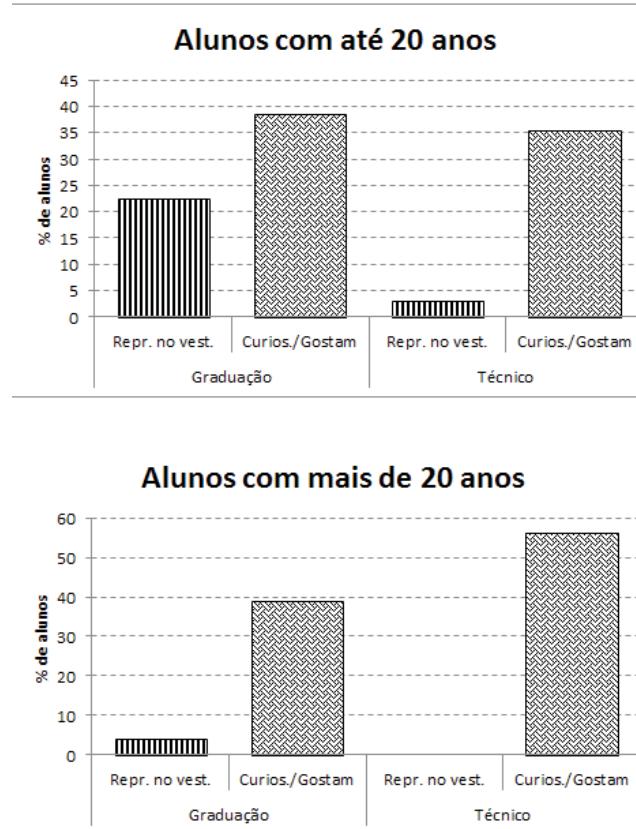


Figura 5 – Intenção dos alunos que ingressaram no curso técnico e motivos pelos quais escolhem esta opção, para as duas categorias consideradas.

O forte desejo dos alunos pela realização de um curso superior pode ser percebido pelos dados apresentados na figura 6, sendo possível novamente verificar uma diferença entre os dois grupos de alunos. Para os alunos mais jovens, menos de 5% não realizaram nenhum vestibular, sendo que os demais realizaram pelo menos um processo seletivo para ingresso no ensino superior. É preciso ressaltar aqui que, mesmo para os alunos que concluíram o ensino médio e ingressaram imediatamente no técnico, tiveram a oportunidade de realizar um

exame vestibular, uma vez que o mesmo é realizado antes da prova de seleção para o ensino técnico pós-médio, nessa instituição de ensino. Assim, provavelmente, os que não passaram no vestibular estão fazendo o técnico por não terem outra opção, confirmando o que é mostrado na figura 5. Para Mendes (2003), os cursos técnicos de nível médio são procurados por aqueles que conseguem concluir o ensino médio, mas não conseguem ingressar em IES públicas.

Já, para os alunos com trajetórias escolares interrompidas, o percentual que nunca realizou o vestibular chega próximo a 20% (Figura 6). Essa categoria também é formada por mais de 30% de alunos que já estão cursando uma graduação e que buscam no técnico uma complementação ao ensino superior. De acordo com um dos entrevistados, o motivo pelo qual optou por realizar o curso técnico foi: “[...] para complementar a formação acadêmica, no meu caso o curso superior tem pouca parte técnica.”

Com relação aos cursos pretendidos, percebe-se que a maioria dos entrevistados possui preferência para a área das ciências agrárias. O que difere uma categoria da outra é que, para os alunos mais jovens, o curso almejado pela maioria é Medicina Veterinária, enquanto que para os alunos com idade mais avançada, a prioridade é para o curso de Agronomia. Esse fato evidencia que, mesmo os alunos que não pretendem atuar como técnicos (querem fazer um curso superior), ainda demonstram um gosto e interesse pela área do Curso Técnico em Agropecuária. Apenas cerca de 18% dos alunos, independente da categoria, querem fazer um curso superior em outras áreas. Dentre essas, foram citadas Enfermagem, Engenharia Civil, Direito, Tecnologia dos Alimentos e Arquivologia.

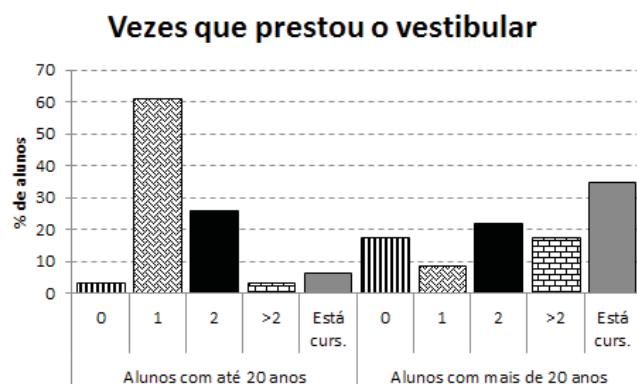


Figura 6 – Número de vezes que os alunos que ingressaram no técnico já prestaram vestibular e preferência de cursos para aqueles que ainda/novamente pretendem realizar o processo seletivo.

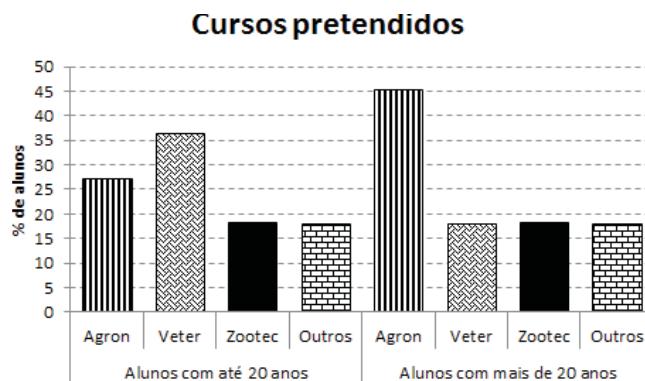


Figura 6 – Número de vezes que os alunos que ingressaram no técnico já prestaram vestibular e preferência de cursos para aqueles que ainda/novamente pretendem realizar o processo seletivo.

Considerações finais

A análise das respostas revela que, os alunos do Curso Técnico em Agropecuária, do Colégio Politécnico da UFSM formam turmas bem heterogêneas, tanto em função da idade, que permite dividi-los em duas categorias distintas, como em função das trajetórias de vida e escolares e das pretensões futuras.

Os alunos com trajetórias escolares contínuas são, em sua maioria, de origem rural, sendo que os que trabalhavam o faziam na maioria na agricultura e a maior parte estudou em escola pública. De acordo com Sampaio e Guimarães (2009), os estudantes de Escolas Públicas brasileiras apresentam menor desempenho que das Escolas Privadas. Assim, é possível inferir, que a menor eficiência do ensino público fizesse com que esses alunos não estariam preparados para ingressar diretamente em um curso superior e, por não ter outra opção, estariam cursando o técnico. Esse fato é confirmado pelos números dessa pesquisa, no qual se observa que 97% dos alunos dessa categoria já tentou, pelo menos uma vez, ingressar no ensino superior, sendo que apenas 6,5% foram aprovados. Dessa forma, as expectativas de alunos jovens que cursam o ensino técnico estão mais voltadas para a continuidade dos estudos do que para ingressar imediatamente no mercado de trabalho.

Os estudantes que apresentam trajetórias escolares interrompidas, por outro lado, são na sua maioria de origem urbana, estudaram, na sua maioria, em escolas particulares e trabalharam com outras atividades que não a agrícola durante a realização do ensino médio. Assim, mais da metade dos alunos dessa classe, que responderam ao questionário, não pretendem realizar vestibular e afirmam que estão no técnico porque gostam e querem atuar na área, seja para complementar os conhecimentos da graduação, como para atuar profissionalmente. É possível também que muitos desses com idades maiores, próximas a 50 anos, estejam buscando, no curso, um conhecimento técnico, para após se aposentarem, desenvolver atividades em sua própria chácara ou sítio.

Dessa forma, o professor ao trabalhar com os alunos do curso técnico, deve levar em consideração as expectativas diferenciadas, desses dois grupos, para com o curso. Entretanto, levando em consideração que o objetivo central da educação profissional é formar profissionais em um curto espaço de tempo, suprindo assim uma demanda regional no mercado de trabalho, percebe-se que a escola não está cumprindo essa função, especialmente com os alunos mais jovens. Considerando-se que, a cultura tradicionalmente difundida entre os alunos que se formam em um Curso Técnico em Agropecuária e pretendem atuar na área, é de trabalharem em uma grande propriedade rural, então realmente não haveria possibilidades para todos os alunos formados no curso atuarem na região, principalmente pela característica do predomínio de pequenas propriedades. Assim, percebe-se que cabe aos professores dar uma orientação a esses alunos a respeito de alternativas após a conclusão do curso, a exemplo da possibilidade de atuarem como autônomos, aplicando o conhecimento técnico adquirido em suas propriedades (ou de seus pais) e, dessa forma, permanecendo no meio rural e promovendo o desenvolvimento da comunidade local.

Sugere-se ainda que essa pesquisa seja novamente realizada, no término do curso desses mesmos alunos, a fim de verificar se as suas intenções continuam as mesmas, ou se o convívio durante a realização do técnico influenciou nas expectativas iniciais desses alunos com relação ao Curso Técnico em Agropecuária e sua atuação como profissional.

Referências

- BOURDIEU, P. Futuro de classe e causalidade do provável. Tradução de Albert Stuckenbruck. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 81-126.
- CASTRO, C. de M. "O secundário esquecido ou um desvão do ensino?". **Textos para a discussão MEC/INEP**, Brasília, v. 1, n. 2, 1997.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Educação profissional técnica de nível médio no censo escolar**. Brasília: INEP, 2006.
- MENDES, S. R. Cursos técnicos pós-médio: análise das possíveis relações com o fenômeno de contenção da demanda pelo ensino superior. **Revista Educação, Saúde e Trabalho**, v. 1, n. 2, 2003, p. 35-39.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 20 out. 2011.
- NOGUEIRA, M. A. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Educação em Revista**, n. 10, p. 3-4, 1989.
- SAMPAIO, B.; GUIMARÃES, J. Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil. **Economia Aplicada**, v. 13, n. 1, 2009, p. 45-68.
- STEFANINI, D. M. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica**: uma análise a partir de Bourdieu. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.

Notas

¹ Para saber mais a respeito dessa classificação feita pela autora, consultar a Dissertação de Mestrado: "As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdieu (2008) defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos."

² Ethos da classe: "Resultado do processo pelo qual os diferentes grupos sociais interiorizam sua situação objetiva, em matéria de probabilidades educacionais, transformando-a em aspirações, desejos, etc. subjetivos" (NOGUEIRA, 1989 p. 4).

* Doutorando em agronomia com habilitação para licenciatura em Educação Profissional. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Mestre em agronomia com habilitação para licenciatura em Educação Profissional. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

*** Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Correspondência

Karla Marques da Rocha – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Metodologia de Ensino. Av. Roraima, 1000, Campus Universitário, CEP: 97105-900 – Santa Maria, Rio Grande do Sul – Brasil.

E-mail: karlarocha@terra.com.br – vanderleiboth@yahoo.com.br – elizandra_pavanello@yahoo.com.br

Recebido em 30 de outubro de 2012

Aprovado em 06 de março de 2013

